

O Ponto



O Jornal dos Estudantes de Letras - UNILAB/BA



Orgulho: LGBTQIA+ e a falsa representatividade das empresas

Na luta pela representatividade, "é preciso estar atento e forte", pois nem tudo que aparenta fortalecer nossas causas realmente nos favorecem.

João Vitor Bispo Cerqueira

No dia 28 de junho de 1969, na cidade de Nova York, aconteceu a Rebelião de Stonewall em referência ao bar que era frequentado por toda comunidade LGBTQIA+. O local sofria diversas batidas policiais, sem motivos aparentes, em ações truculentas e preconceituosas por parte dos policiais. Porém, naquela noite, a resposta veio com as cores de todas as bandeiras da comunidade LGBTQIA+! Os enfrentamentos continuaram por cinco dias e isso se tornou um marco na luta pela igualdade de direitos.

Após um mês da revolta, ocorreu a "1ª Parada do Orgulho Gay", porém, com o passar dos anos, mudou-se a nomenclatura do evento para "Parada do Orgulho LGBTQIA+", fazendo referência a todos que fazem parte da comunidade. Desde então, essa data foi eleita para reforçar a luta pelos direitos sociais das pessoas da comunidade, promovendo diversos eventos culturais em todo o mundo, numa expressão de orgulho de assumir publicamente a orientação sexual e identidade de gênero.

L

Outras datas se tornaram igualmente importantes para a comunidade como o 17 de maio, Dia Internacional de Combate à Homofobia, Lesbofobia e Transfobia. Esta data refere-se ao fato de a Organização Mundial de Saúde (OMS), no dia 17 de maio de 1990, ter retirado da sua lista de doenças o "homossexualismo" – pois o sufixo "-ismo" está relacionando a doenças. Ocorreu, então a substituição de terminologia, utilizando-se o sufixo "-dade", que está associado ao modo de ser.

Depois dessa breve introdução sobre a origem do dia do "Orgulho LGBTQIA+", caro leitor, vamos ao assunto que realmente interessa: até que ponto as empresas "abraçam" as causas da comunidade e a influência do "Pink Money". Devido à crescente preocupação do consumo voltado a questões ideológicas, alguns termos apareceram para descrever práticas de compras ligadas a determinados grupos, e "Pink Money" é um desses termos, figurativamente associado ao dinheiro gasto pelo público LGBTQIA+ na compra de produtos e serviços.

É fundamental entender as mudanças sociais e como elas afetam o mercado de negócios. Com o advento da internet, a pulverização das informações se tornou algo comum o que fez com que causas sociais, que antes eram menos evidenciadas, conquistassem destaque. Tais movimentos começaram a influenciar de forma efetiva determinados setores do consumo, criando novas ofertas e nichos que acabaram por tornar mais evidentes as suas causas originárias. Exemplos desses negócios são os restaurantes vegetarianos, as mercadorias cruelty free (não testado em animais), produtos específicos para cabelos crespos, dentre outros serviços e bens de consumo que se tornaram necessários depois das viradas sociais provocadas pelos movimentos de grupos específicos e que acabaram por ganhar notoriedade social. Dessa forma, certos termos nasceram para categorizar formas de consumo que estão relacionados às empresas e que, supostamente, refletem preocupações sociais e éticas dos consumidores.

O “Pink Money” é o termo que caracteriza o comércio de produtos voltados ao público LGBTQIA+. É fundamental destacar que o termo Pink Money é PEJORATIVO, porém é normal a comunidade usá-lo para questionar ações de empresas que visam apenas o lucro financeiro, aparecendo com propagandas e ações em datas específicas. Quando se tem o consumo ideológico, os compradores buscam mudanças significativas, ou seja, cobram das empresas posicionamentos reais e efetivos. Quando essa “confiança” é quebrada, o cancelamento da empresa vem com gosto de GÁS.

Fazendo uma pesquisa rápida na internet, podemos encontrar diversas empresas que foram canceladas por conta de atitudes que não correspondiam às pautas da comunidade LGBTQIA+ pois estavam apenas visando o aumento dos seus lucros. O sócio-diretor da Consultoria Santos Caos, Jean Soldatelli, em uma entrevista dada ao Jornal Estadão publicada em 24 de junho de 2017, afirmou que “A gente vê uma disparidade em relação à discussão de gênero. As empresas estão avançando na questão de gênero binário (masculino e feminino), mas o cenário é completamente diferente em relação aos transexuais”. De acordo com a pesquisa “Demitindo Preconceitos”, realizada pela Santo Caos, 40% dos entrevistados relatam que já sofreram discriminação direta no trabalho devido à orientação sexual ou gênero. Situações como piadas, assédios e exposições, que, em casos mais extremos, tiveram que mudar a profissão por medo de homofobia e transfobia.

De acordo com o Center for Talent Innovation, uma pesquisa realizada em 2019 traz os seguintes dados:

- 61% dos gays e lésbicas já esconderam sua sexualidade por medo de perder o emprego;
- 33% das empresas não contratariam LGBTQIA+ para cargos de confiança;
- 41% já sofreram algum tipo de preconceito;
- 90% das travestis se prostituem por não terem conseguindo emprego mesmo com qualificação.

Mais do que levantar uma bandeira em datas específicas, é necessário lembrar que vivemos e existimos 365/366 dias e, além de ganhar nosso dinheiro, é preciso entender nossas lutas e questionamentos. Há pouco tempo, empresas negavam associar suas imagens ao movimentos, contudo vêm acontecendo mudanças no mercado. Mesmo sendo um volume que ainda é pequeno, podemos encontrar empresas que realmente estão engajadas com as pautas LGBTQIA+. Além de estar em um ambiente de trabalho saudável, as empresas devem criar oportunidade de empregos para xs mais vulneráveis da comunidade. Então, caro leitor, deixo aqui algumas informações e dados, e o alerta para que, antes de consumir produtos e mercadorias de empresas que dizem estar alinhadas com as pautas LGBTQIA+, dê uma pesquisada rápida sobre a empresa e o que o movimento tem a dizer sobre ela pois isso pode te fazer mudar drasticamente de ideia.

Referência

Center for Talent Innovation. Out in the World: Securing LGBT Rights in the Global Marketplace, 2019



Entenda mais sobre o assunto: o significado de cada letra da sigla **LGBTQIA+**

LGBTQIA+ é o movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para a comunidade. O seu nome demonstra a sua luta por mais igualdade e respeito à diversidade.

L = Lésbicas

São mulheres que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outras mulheres.

G = Gays

São homens que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outros homens.

B = Bissexuais

Diz respeito aos homens e mulheres que sentem atração afetivo/sexual pelos gêneros masculino e feminino.

T = Transexuais

A transexualidade não se relaciona com a orientação sexual, mas se refere à identidade de gênero. Dessa forma, corresponde às pessoas que não se identificam com o gênero atribuído em seu nascimento. As travestis também são incluídas neste grupo. Porém, apesar de se identificarem com a identidade feminina constituem um terceiro gênero.

Q = Queer

Pessoas com o gênero 'Queer' são aquelas que transitam entre as noções de gênero, como é o caso das drag queens. A teoria queer defende que a orientação sexual e identidade de gênero não são resultado da funcionalidade biológica, mas de uma construção social.

I = Intersexo

A pessoa intersexo está entre o feminino e o masculino. As suas combinações biológicas e desenvolvimento corporal - cromossomos, genitais, hormônios, etc - não se enquadram na norma binária (masculino ou feminino).

Assexual

Assexuais não sentem atração sexual por outras pessoas, independente do gênero. Existem diferentes níveis de assexualidade e é comum que estas pessoas não veem as relações sexuais humanas como prioridade.

+

O + é utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero. Aqui são incluídos os pansexuais, por exemplo, que sentem atração por outras pessoas, independente do gênero.

(Adaptado do site do Educa Mais Brasil)



O Jornal O Ponto e o Podcast Sem Ponto são ações de extensão, coordenadas pelos professores Alexandre Silveira e Sabrina Balsalobre e organizadas por estudantes do Curso de Letras - Língua Portuguesa da UNILAB



O Ponto

Dúvidas?
Críticas?
Sugestões?

Quer fazer parte de nossa equipe?

jornaloponto@unilab.edu.br

Siga-nos em nossas redes sociais



A religião e a defesa da vida – de quem?

Juliana Dourado Bueno

Profª Drª Coolegiado de Ciências Sociais -
UNILAB/BA

Todos sabemos que o discurso religioso cristão tem uma narrativa muito forte em defesa “da vida” e “da família”. Quais são, entretanto, as vidas e as famílias que costumam ser protegidas e defendidas em boa parte dos cultos, pregações e nas inúmeras mensagens religiosas que circulam nas redes sociais?

É fundamental lembrarmos que são séculos de uma história coberta por derramamento de sangue e epistemicídio para concretizar um projeto de colonização e poder, e também recheada de uma narrativa bastante hipócrita em defesa daquele que seria considerado o único modelo de família: um casal heterossexual com seus filhos (gerados após o sagrado casamento). Quando esta se torna uma verdade única, todas as pessoas que não correspondem a este padrão são atingidas por discursos de opressão que se manifestam dentro e fora das instituições religiosas.

A defesa da “vida” perde, então, a força quando tratamos da realidade de mães solo, mulheres divorciadas, travestis, transexuais, gays, lésbicas e bissexuais. Lançando mão de pregações, materiais de apoio e discursos carregados de ódio, muitos líderes da fé e seus seguidores oprimem a sexualidade de mulheres, chegando a destinar a elas o título de “putas” ou “endemoniadas”. Além dos já conhecidos casos de controle sobre as roupas, cabelos, e até cor de esmalte das mulheres, há registros de situações nas quais as fiéis precisaram “confessar o pecado” diante da igreja (MACIEL, 2019) porque mantiveram relacionamentos sexuais antes do casamento, sendo impedidas muitas vezes de participar de certas celebrações nos templos da fé.

O cotidiano religioso cristão também se mostra opressor para a população LGBTQIA+, na medida em que crescem ouvindo nos cultos e missas que sua orientação sexual/identidade de gênero é pecaminosa e que precisariam “se arrepender dos pecados”, fazer tratamentos, sessões de aconselhamento, ou teriam como destino a condenação de suas almas. Tais normativas e narrativas geram sofrimento demasiado, adoecimento e conflitos familiares que muitas vezes culminam na expulsão de jovens LGBTQIA+ das igrejas e de suas residências.

O preconceito também se faz presente fora dos espaços religiosos, manifestam-se nas escolas, em leis, mídia, nas piadas homofóbicas e transfóbicas nos espaços de lazer e familiares. Diante desse cenário, sobreviver torna-se um grande desafio para a população LGBTQIA+, na medida em que são alvos de vários tipos de violência: física, psicológica, patrimonial e sexual. Violência que é acentuada quando consideramos as realidades da população trans, negra e que vive nas periferias.

Em um ambiente repleto de mercadores da fé, com milhares de líderes religiosos que fazem da crença um “balcão de negócios” para disseminar ódio, opressão, violência, quem defende a vida da população LGBTQIA+ sem discriminação? Em um meio religioso caracterizado por ser um dos centros de disseminação de notícias falsas como aquelas relativas ao “kit gay” e à “mamadeira de piroca” há espaço para vozes que clamam por justiça, igualdade, pregando a diversidade humana como obra divina?

Embora sejam vozes dissonantes no meio cristão, elas estão presentes. São pessoas e grupos que combatem interpretações descontextualizadas das escrituras sagradas, questionam a representação falaciosa de Cristo enquanto “homem branco de cabelos e olhos claros”, denunciam o racismo e o machismo no meio religioso e buscam o diálogo inter-religioso, posicionando-se contrariamente a práticas e pregações que “demonizam” as religiões de matriz africana.

São ativistas, teólogas, teólogos, filósofas, sociólogas, militantes da sociedade civil organizada que elaboram contra-narrativas e práticas transformadoras, ocupando espaços predominantemente masculinos e heterossexuais, dialogando com diferentes instâncias dos poderes legislativo e executivo, em busca de implementação e fortalecimentos de políticas públicas que garantam o direito à vida e às dinâmicas familiares da população LGBTQIA+.

Nomes como o da Reverenda Alexya Salvador, “transfeminista, mãe, pastora, pobre, negra e periférica” (1), que deslocam o sentido da defesa “da vida” e da “família” no meio religioso cristão, inaugurando o caminho para adoção de crianças por mulheres trans. Somam-se à luta de Reverenda Alexya para a defesa da vida em abundância para todas as pessoas, coletivos como Evangélicas pela Igualdade de Gênero, Feministas Cristãs, além de figuras do meio católico e evangélico como Henrique Vieira, Júlio Lancelotti, Frei Betto, Odja Barros, Ronilso Pacheco e Joel Zeferino. Elas e eles escrevem, alimentam, militam, posicionam-se, ocupam os púlpitos, as ruas e os viadutos difundindo a mensagem da religião como prática libertadora. Que suas vozes e práticas ecoem, movimentando as estruturas de poder.

Nota da autora:

1 - <https://alexyasalvador.com.br/conheca-alexya/>

Referências:

VILHENA, Valéria. Dogmas e dilemas: dialogando entre religiões. Disponível em:

<https://mulhereseig.wordpress.com/2017/06/13/dogmas-e-direitos-dialogando-entre-religiosos/>

MACIEL, Isabelle Benetti. Construção do ser mulher: impactos do Cristianismo Batista nos processos de constituição da sexualidade feminina no Brasil. 2019. 133 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.

Sites consultados:

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/os-10-ativistas-lgbts-religiosos-que-vaio-ajudar-voce-a-fortalecer-a-fe/>

IV Semana de Letras - Campus dos Malês

Virginia Woolf em seu conto "A marca na parede" disse o seguinte: "Para fixar uma data é preciso lembrar o que se viu." No entanto, uma data é guardada com um alarme cerebral ativo por enlevo que nela vem trancado.

Emilson N'Dame

Marcada para os dias 03, 04 e 05 de agosto do ano em curso, a 4ª semana de Letras da Unilab, Campus dos Malês, batizada por "Percursos da linguagem em tempos da reinvenção: existir e resistir!" ocorrerá em um formato virtual, devido ao período atípico imposto pela pandemia do Covid-19. Esta edição, buscando congrega estudantes, docentes e interessados/as em estudos da língua e linguagem ou da literatura para debater e dialogar o rumo que as pesquisas ou métodos desse campo científico vem seguindo, convida a todos a "lidar com as diversas formas de linguagens que têm sido uma forma revolucionária de existir," nesse tempo de isolamento.

Diante dessa conjuntura de uma educação virtual, de lentramento digital e relações sociais distanciadas, foi adotado para este evento o símbolo do pássaro mítico SANKOFA. Tradicionalmente, ele é originário do grupo linguístico akan da África Ocidental, que significa algo do tipo "volte e pegue" (SAN - voltar, retornar; KO - ir; FA - olhar, buscar e pegar). Como pode se ver na imagem, o pássaro torce o pescoço, olhando para trás com o propósito de pegar algo.

A Semana de Letras terá a sua mesa de abertura composta pela coordenadora do nosso curso e por um estudante que represente a comissão organizadora. Depois serão convidados estudantes egressos do nosso curso, que estão cursando mestrado em diversas universidades brasileiras, para compor uma mesa. A proposta para essa mesa é que essas/es estudantes compartilhem conosco a sua experiência individual depois que saíram da UNILAB.

E, de uma maneira convidativa, a programação do evento contará com minicursos, palestras, mesas-redondas, oficinas, exposições e diversas outras atividades. A realização dessas atividades será asseguradas por palestrantes convidados/as que vão ministrar os minicursos ou oficinas, bem como pela comissão de estudantes a qual está efetivamente engajada para a realização desse evento. Além do mais, essa comissão, composta de uma equipe potente, é responsável pela divulgação da programação da 4ª semana de Letras nas redes sociais, e também se responsabiliza de convidar artistas para participarem dos momentos culturais que serão oferecidos. Por isso, sintam-se convidados e convidadas a participar da 4ª edição da semana de Letras da UNILAB!

4ª Semana de Letras

Percursos da linguagem em tempos de reinvenção:
existir e resistir



UNILAB - CAMPUS DOS MALÊS

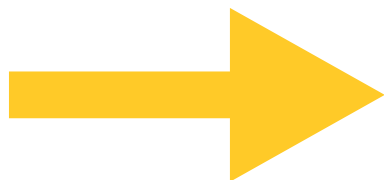
De 03 a 05 de agosto de 2021

Faça sua inscrição

(<https://www.even3.com.br/semanadeletrasmalês/>):

Com apresentação de trabalhos:
de 14 de junho a 09 de julho de 2021

Como ouvinte:
de 14 de junho a 02 de agosto de 2021



Queridxs estudantes,

Temos tido encontros bastante proveitosos com estudantes ingressantes e também com os estudantes em fase de conclusão. São muitas as perguntas, as orientações, as datas que não podem ser esquecidas, enfim, uma série de informações muito importantes e que precisam ser repassados a todes.

No entanto, as dúvidas sempre existem e o que queremos é melhorar sempre a comunicação entre a Coordenação de Letras e todes vocês.

Faremos, em breve, novos encontros para tratar de questões necessárias e ouvi-lxs também, mas, queremos que, sempre que precisarem, nos procurem. Assim poderemos buscar soluções para os problemas que forem surgindo.

O email da coordenação é coordenacaoletrasmale@unilab.edu.br.

Um grande abraço!

Wânia e Lavínia



PALAVRAS DA
COORDENAÇÃO



Inclusão e equidade da pessoa com deficiência e mobilidade reduzida através da acessibilidade

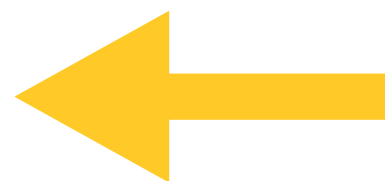
Cidade Inclusiva

Ei, sua casa é acessível? Sua cidade é acessível? E o Campus dos Malês é acessível, de fato, a todas as pessoas? Já pensou nisso? O episódio desse mês do **Podcast Sem Ponto** convida Lidiane Conceição, do Projeto Cidade Inclusiva, para conversar conosco sobre a inclusão e a equidade da pessoa com deficiência e com mobilidade reduzida através da acessibilidade. Bó?!

OUÇAM EM TODAS AS PLATAFORMAS!!!

Sem ponto

O PODCAST DO
JORNAL O PONTO!



Vamos falar
sobre...

INCLUSÃO?

SOU DEFICIENTE VISUAL, MAS É VOCÊ QUE NÃO ME ENXERGA

Lidiane Conceição

Infelizmente, a maioria da população ainda associa deficiência visual apenas com a cegueira. A falta de informação contribui para que ainda existam equívocos que dificultam ainda mais a vida das pessoas que precisam de acessibilidade e recursos de tecnologia assistiva. O indivíduo com cegueira total não tem percepção luminosa. Já a pessoa que tem a cegueira parcial ou visão subnormal é aquela que tem projeção e percepção luminosa, como por exemplo: é possível perceber vultos e direção da luz como escuro ou claro. A pessoa com baixa visão, por sua vez, é aquela que não enxerxa com a mesma intensidade e percepção que uma pessoa com visão considerada normal.

Em termos de legislação, o Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, regulamenta as Leis Nº 10.048, de 8 de novembro de 2000 – que dá prioridade de atendimento às pessoas com deficiência – e Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 – que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das “pessoas portadoras de deficiência” ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. No seu artigo 5º, o decreto citado diz que:

Deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores. (BRASIL, 2004)

Vale destacar que o conceito “acuidade visual” mencionado no trecho do decreto refere-se à aquilo que se consegue enxergar a uma determinada distância.

A pessoa cega, com visão subnormal ou com baixa visão, quando não encontra acessibilidade, quer seja na comunicação ou na informação, quer seja falta de acessibilidade arquitetônica, urbanísticas, nos mobiliários, dentre outros, torna-se “invisível” à sociedade. Essas pessoas com deficiência visual passam por inúmeros obstáculos no dia a dia por inexistência de acessibilidade e tecnologia assistiva, podendo serem submetidas a constrangimentos por falta de piso tátil – conforme a Norma Brasileira NBR 9050 – ou outras dificuldades diversas. Nesse sentido, é fundamental que existam elevadores com sinal sonoro para cada parada, semáforos sonoros, textos com letras ampliadas, leitores de tela, placas em braille corrimãos, livros físicos em braille, informações nos produtos com versão em braille, áudio livro, descrição de imagens, dentre outros recursos.

É visto que pessoas com deficiência visual fazem o uso da bengala no seu dia a dia, porém, os obstáculos encontrados são imensos e que podem provocar quedas e ferimentos. É importante frisar que a bengala branca é usada para identificar a pessoa com cegueira, a bengala verde identifica pessoas com visão subnormal e a bengala vermelha, pessoas surdocegas.

A pessoa com deficiência visual pode ter a companhia do cão guia o qual configura-se em um suporte melhorado para sua mobilidade. O cão guia é treinado para oferecer autonomia sem precisar de auxílio constante dos familiares ou profissionais e, desta forma, amplia a qualidade de vida da pessoa com deficiência, proporcionando equilíbrio físico e emocional, além de assumir o papel de amigo, o que contribui também para a socialização dessa pessoa. Não é todo cão que pode ser guia. O animal passa por um processo de seleção e treinamento para que esteja apto a desempenhar o papel. Os cães geralmente escolhidos para essa função são os labradores. Jamais devemos tentar alimentar, fazer carinho ou qualquer tipo de distração quando o cão estiver em missão, a melhor atitude é deixar que ambos sigam adiante. O cão-guia reconhece e evita caminhos com obstáculos, ajuda seu acompanhante a lidar com qualquer situação e ignorar distrações quando está em serviço. Ele mantém-se sempre à esquerda e um pouco à frente de seu acompanhante para ajudá-lo a mover-se em qualquer direção, sempre que recebe o comando.

CONHEÇA ALGUMAS DIFICULDADES DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA EDUCAÇÃO

Em 16 de junho de 2021, o Jornal O Ponto conversou com Juliana Santos, 23 anos de idade e cega de nascença, para entender melhor as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência visual, no sentido de ampliar os conhecimentos sobre o assunto e sensibilizar a todos quanto a importância desses conhecimentos para o combate à exclusão que é praticada “naturalmente” na sociedade.

Jornal O Ponto - Como foi o seu processo de inserção na escola?

Comecei a estudar com 5 anos de idade e porque os professores tiveram que fazer curso de braille, por esse motivo, tive que esperar um tempo até os professores aprenderem.

Jornal O Ponto - Qual foi a sua maior dificuldade no processo de educação?

A adaptação dos professores(as).

Jornal O Ponto - Como foi a sua relação com os professores e colegas de sala?

Foi tranquilo! No decorrer da minha trajetória na educação duas professoras já me deixaram no canto. Entre essas duas, tomei a iniciativa de ensinar a uma como proceder, e a outra era preconceituosa.

Jornal O Ponto - O que você sugere para melhorar as aulas para pessoas cegas?

Que ocorra treinamento dos professores, pois eles não estão preparados, e que nas aulas usem os recursos de tecnologia assistiva.

Jornal O Ponto - Como a pandemia tem afetado a vida em termos profissionais / de estudo?

Passei no curso de Letras Vernáculas em uma Universidade Federal e fiquei super feliz. Tudo aconteceu no início de março de 2020, antes de parar tudo devido à pandemia, e cheguei a ter três semanas de aulas presenciais. Com a chegada da pandemia, fui forçada a enterrar meu sonho, porque o site da faculdade é inacessível e não pude dar continuidade aos estudos por conta disso. No início fiquei muito triste, mas a vida tem que seguir, já me conformei.

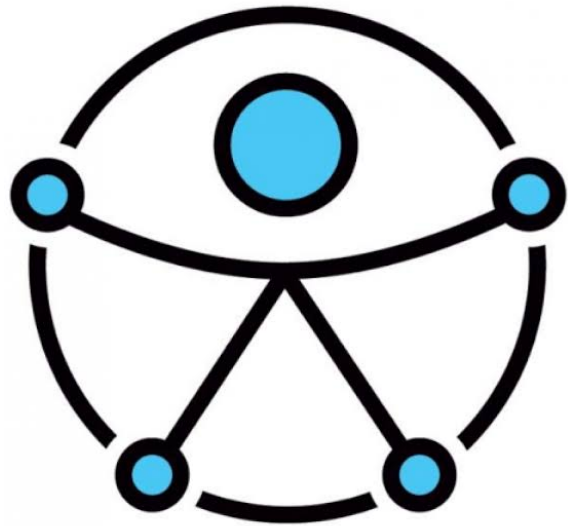


DEPOIMENTO DE EX-ALUNAS DO PROFESSOR MARCOS WELBY SIMÕES MELO COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Organizado por Maria Isabel Santos

Quando ingressei no curso de pós graduação em psicopedagogia na Instituição Realiza, tive o privilégio de ter excelentes professores. Mas era uma manhã de sábado quando adentrei a sala, naquele dia fui surpreendida por um casal sentado a nossa espera, a sala estava em círculo e todos que chegavam aquele ambiente ficavam impressionados, porque o professor tinha um violão em mãos e usava óculos escuros que não os tirava por horas, logo se apresentou e iniciou a aula com uma linda canção. E explicitou o assunto; horas depois confessou que era cego e a moça ao seu lado, sua esposa que também era cega, sua fiel colaboradora, que tinha em mãos uma placa de braille, era ela quem anotavam ali as nossas avaliações. A aula foi surpreendente, uma das melhores do curso, a minhas tardes de sábado passou a fazer mais sentido “penso que para todos os cursandos”. As suas aulas eram prazerosas e significativas. Lembro-me que fizemos uma oficina de artes com ele, onde trouxe um objeto construindo pelo mesmo, foi um momento singular, suas habilidades, domínio do conteúdo e metodologia era ímpar, a ponto de às vezes esquecermos de que o nosso Mestre e cantor, era cego e o impulsionamos a brincar com todos os brinquedos que havíamos construído; aproveitou o momento para salientar que havia limitações para realizar certas coisas, mas que o amor e a vontade nos levam a fazer todo que quisermos.). Marcus Welby é Pós-Doutor e Doutor em educação (UFBA); Mestre em música especialista em fonoaudiologia; Professor/radialista/escritor/cantor e compositor que pode ser encontrado nas redes sociais como: [sentindomarcuswelby](https://www.instagram.com/sentindomarcuswelby). A ele minha eterna gratidão (Maria Isabel Santos, aluna do Curso de Letras pela UNILAB - Campus dos Malês).

A experiência em ter um professor com deficiência visual foi enriquecedora para minha vida pessoal e profissional. Ele é um exemplo de otimismo, superação e motivação, ter ele como professor foi um privilégio, ver pessoas com deficiência construindo histórias, e ganhando destaque socialmente, ajuda no aumento da visibilidade desse grupo social. É uma motivação para que mais pessoas com deficiência percebam seu potencial e passem a buscar por seus sonhos, não se deixar abater por suas limitações. Ter esse profissional como mediador me deu a certeza de que somos um ser em processo e que nada está pronto, nem acabado, e que há sempre uma chance de recomeçar, é uma tentativa de se entender e entender a própria vida. É está continuamente fazendo e refazendo, é a possibilidade de corrigir os desacertos e confirmar os acertos. É está voltado para o presente aproveitando a experiência do passado, é renunciar a segurança das certezas e aceitar riscos empolgante do não sei mais vou procurar. E que devemos aprender a conviver com as próprias implicações, e descobrir que a vida tem uma dimensão sempre nova e que há sempre uma possibilidade de crescimento, contínuo e gradativa superação. É perceber que, se hoje não consegui, amanhã posso dar conta e conseguir um pouco mais. **(Marlúria Damacena, psicopedagoga, ex-aluna de professor doutor Marcus Welby).**



Assim quando eu cheguei na aula que ele estava de óculos escuro, tem uma moça perto dele, olhei achei estranho, porque ele estava de óculos escuro, novamente olhei e fiquei toda assim... Isso quando eu me sentei Fran (depois que eu vi saber que era esposa dele) se bateu na cadeira, continuei depois percebi que ele não tirava os óculos, fiquei intrigada com aquilo e acho. A colega Paulinha percebendo minha inquietação me deu um sinal de que ele não enxergava, fiquei meu Deus comigo mesmo... Nunca tinha visto assim um professor. Meu Deus como é que ele vai conseguir dar aula? Fiquei curiosa, que para minha surpresa foi uma aula maravilhosa, ele sempre com muita alegria. Quando ele contou a sua história, depois me disse de Fran... Os nossos encontros era muita emoção, ele de uma alegria! Depois teve nossos brinquedos para gente confeccionar que eu fiz o bilboquê e comecei a brincar com ele, que tentava e não acertava, eu disse Fran ele não está acertando toma-o Fran... Então ele me disse venha aqui, fecha os olhos e jogue, realmente eu vi o quanto era difícil, mas ele foi superação, uma emoção! Eu me sinto muito feliz mesmo de ter conhecido uma pessoa assim, e depois as aulas fluíram, mas no início eu fiquei preocupada, contudo, depois tinha certeza, ficava feliz e pensando no próximo encontro. **(Eliene Carvalho professora de Ed. infantil, ex-aluna de professor doutor Marcus Welby).**

#FicaDica

Vale a pena conhecer mais sobre questões relacionadas à deficiência visual em:

Instituto de cegos da Bahia -
<http://www.institutodecegosdabahia.org.br/institucional/historia/>

Associação Baiana de Cegos -
<https://www.abcegos.org.br/>



Papo Reto

Letramentos Acadêmicos e seus desafios para os calouros em isolamento social

Gilmara dos Santos Silva, 5º semestre de Letras

Como é possível a inserção de calouros que acabaram de ingressar no ensino superior neste momento de isolamento social? Pense bem! Cada um e cada uma traz em sua bagagem, histórias de letramentos variadas, mas, em espaço acadêmico, veem-se obrigados (as) a produzir gêneros discursivos que nunca lhes foram ensinados, e que, de repente, passaram a ser exigidos em seu cotidiano. O que você faria se estivesse passando por isso?

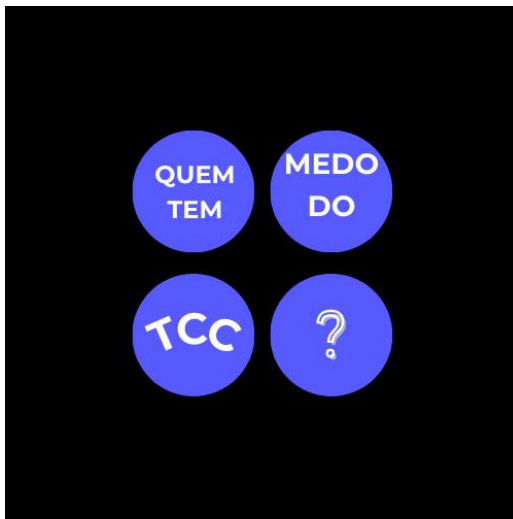
Bom, o termo letramento é empregado por Street (1984, p.1) para designar "práticas sociais e concepções de leitura e escrita" adquiridas por um indivíduo ou grupo social. As práticas de letramento são definidas como práticas culturais discursivas, que determinam a produção e a interpretação de textos orais e escritos, em contextos específicos. Sendo assim, o modelo proposto, nas universidades tradicionais, apresenta uma concepção de escrita da cultura ocidental que privilegia os gêneros do discurso das classes dominantes, deixando à margem outros gêneros. Essa concepção considera a escrita e a leitura como neutras, independentes dos processos sociais, históricos e culturais. A pandemia da covid-19 trouxe mudanças drásticas no que se refere ao comportamento e ao modo de vida das pessoas. Entre tais mudanças na vida social, a rotina escolar foi uma das mais impactadas, pois, em torno de duas semanas, as instituições de ensino precisaram se adaptar a uma nova modalidade de interação a partir da perspectiva das aulas on-line. Não obstante isso, alunos e professores foram os principais envolvidos e, por que não dizer, afetados por esta nova onda de ensino remoto.

Com o isolamento social, o ensino digital se tornou um desafio a ser superado, já que requer muitas habilidades digitais e sociais – além das tecnologias sempre disponíveis, o que não é possível para uma parte dos estudantes e da população em geral. Os alunos precisam aprender e os professores, reaprender. Particularmente, os docentes passaram a ser desafiados a reciclar, inclusive, a maneira como elaboram os planos de aula, já que a dinâmica da aula on-line é muito diferente da presencial. E os alunos precisaram canalizar as suas prévias habilidades tecnológicas para um viés específico.

Assim sendo, aos (às) estudantes calouros (as), ingressantes no ensino superior neste contexto de pandemia, os desafios são enormes. A partir de suas diversidades linguísticas e culturais, eles/elas são convidados a repensar seu processo de letramento social, aferindo sua visão de mundo e seus significados sociais, para assim desenvolver um letramento acadêmico consciente de sua nova realidade enquanto leitores (as) e sujeitos de escrita e de oralidade do texto acadêmico.

Desse modo, a partir do contato dos estudantes com métodos de leitura e de produção textual na universidade, sendo trabalhados na perspectiva dos letramentos acadêmicos críticos, torna-se possível a articulação dos gêneros discursivos exigidos pela universidade às questões identitárias e de poder na esfera acadêmica. Assim, segundo Britto (2007), sob uma concepção política de letramento, é preciso mais do que a apropriação de conhecimentos de leitura e escrita como norma ou tecnologia. É preciso tomar a leitura e a escrita como meios de participação e modificação da sociedade.

"De fato, os modos de falar, de agir e, principalmente, de escrever, na universidade, são muito diferentes daquilo que o aluno pratica em outros contextos sociais" (JUCHUM, 2016). Entendemos que tal fenômeno precisa ser considerado para que o aluno possa, gradualmente, ir adquirindo as novas linguagens, compreendendo os novos modos de agir, especialmente no que se refere à escrita. Segundo a autora, as dificuldades dos estudantes estão relacionadas a problemas de adaptação ao contexto universitário. Assim, acreditamos que não se trata de insuficiência de capacidade de leitura, escrita e oralidade, ou déficit de letramento, mas "diferença". Em suma, faz-se necessário (re) pensar as práticas pedagógicas para os letramentos acadêmicos, centradas no envolvimento do aluno com a escrita, o que leva em consideração identidades e signos sociais, considerando as pessoas envolvidas e as comunidades locais situadas.



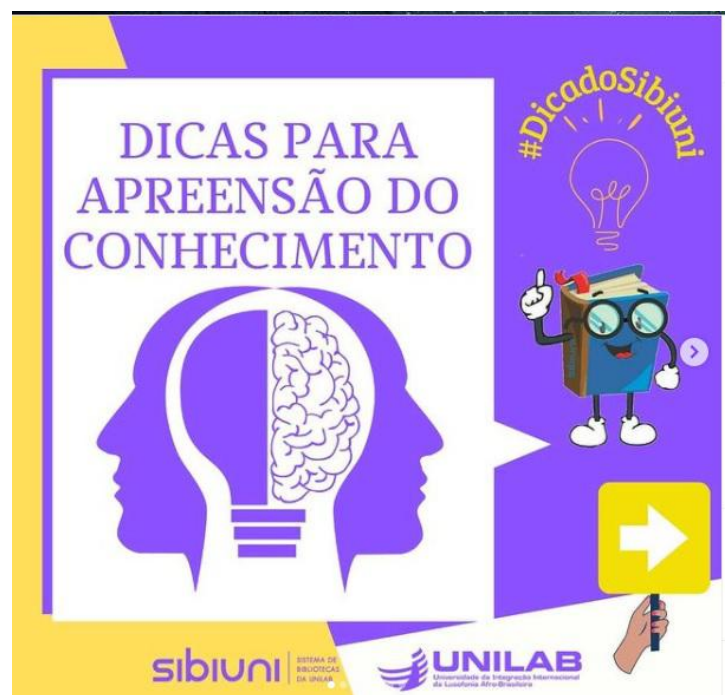
Nessa edição, a ex-aluna de Letras e (grande) colaboradora do Jornal O Ponto, Manoela Ventura, vai compartilhar com todos sua experiência em relação ao Trabalho de Conclusão de Curso, defendido em 2021, em plena pandemia.

Para muitos estudantes a escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não é uma tarefa fácil. Diante de tantas possibilidades, conteúdos e problemas, a escolha do tema pode ser um dilema. O tema da minha pesquisa surgiu no momento em que descobri a literatura afro-brasileira. Digo que foi uma descoberta pois foi na universidade que tive o primeiro contato com uma obra de autoria negra e protagonistas negros, o que mudou a minha vida.

O trabalho intitulado “A importância do ensino da literatura afro-brasileira na formação da identidade negra”, orientado pela Prof.^a Dr.^a Vânia Vasconcelos, buscou compreender como ocorre a construção da identidade negra e como, a partir do ensino da literatura, pode-se colaborar para a dignidade e respeito dessas crianças. Sabe-se que a identidade negra é uma construção sócio-histórico e cultural e, nesse sentido, entende-se que a escola é um local privilegiado para o desenvolvimento da identidade pois, depois do seio familiar, ela é o maior espaço de socialização da maioria das crianças negras e onde serão apresentados referenciais positivos ou negativos sobre a sua cultura e história.

Por muito tempo no Brasil, o protagonismo dos textos literários foi dado a personagens brancos e europeus. O negro, quando retratado, era inferiorizado, subalternizado e/ou animalizado. Essas referências fazem com que a criança negra cresça como uma ideia negativa de si, desejando atingir o Ideal de Ego Branco, enquanto a criança branca adquire um ar de superioridade e passa a praticar o racismo. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira faz-se necessária em sala de aula, pois ela rompe com estereótipos depreciativos imputados ao negro, contribuindo no processo da (re)construção da identidade negra e da reeducação da população brasileira, no sentido de superação do racismo.

A escrita do meu TCC, apesar de ter sido dolorida, foi a realização dos objetivos de uma menina que entrou na UNILAB em 2017, curiosa e cheia de dúvidas, mas que se tornou uma mulher negra, consciente de quem é e orgulhosa da sua história e cultura.



“Regenerado delinquente lá no Brooklyn”

Natali Chaves Mota

Queridos leitores, em textos anteriores expressei a importância de trabalhar os letramentos de resistência, como o Slam na sala de aula. Não obstante, dou continuidade a esta temática, trazendo para o centro deste diálogo o mestre Sabotage – Maurinho para os mais íntimos. Faço questão de expressar toda minha admiração por esse artista, tentando, ainda que de forma superficial, retratar alguns aspectos que fizeram dele uma verdadeira lenda do rap brasileiro.

Mauro Mateus dos Santos, o Sabotage, nasceu em 03 de abril de 1973, em plena ditadura militar, na Favela do Canão, Zona Sul de São Paulo. A violência e a pobreza fizeram parte do seu cotidiano, por isso ele entrou no crime muito cedo. Quando jovem, Mauro foi internado na FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor), chegou a ser assaltante e gerente do tráfico da favela onde morava. Apesar das diversas opressões, tanto ele quanto seu irmão do meio, o Sérgio Mateus, também conhecido como o Dida, sonhavam em formar um grupo de nome “Sabotage”. Infelizmente, o Dida foi brutalmente assassinado – o que entristeceu bastante seu irmão ao ponto dele quase desistir da carreira musical.

Sabotage compunha as suas letras em um caderninho o qual o acompanhava sempre. Muitos dos seus amigos duvidavam da sua capacidade artística, falavam que ele estava ficando louco. No entanto, as contraversões não foram o suficiente para desmotivá-lo. Antes de se tornar nacionalmente conhecido, especificamente nos anos 90, ele tentou seguir carreira artística, mas, infelizmente, as condições precárias de vida o levaram novamente para o mundo do crime. O desejo de um dia, quem sabe, gravar “O meu guri” de Chico Buarque, no qual se identificava muito, ficara guardado.

Em um concurso de rap, Sabota chamou atenção de figuras ícones do rap nacional pelo jeito inovador de rimar. Diferente de alguns rappers, sua estética tinha raízes na MPB, Barry White, Mc Afrika Bambaata e Leo Jaime – o que deixavam seu flow (a fluidez das palavras no beat) vanguardista. Os artistas Rappin Hood e Sandrão, do RZO, ficaram tão impressionados com o talento de Sabota, que decidiram conversar com o parceiros dele do tráfico para liberá-lo da função, pois rimando ele estaria seguro e capaz de desenvolver arte. Foi assim que a carreira de Mauro despontou!

O registro artístico do ex-garoto do crime não se atém apenas ao flow, as temáticas das suas obras eram bem peculiares. “Se todos os rappers falavam de violência, do crime ou das mazelas sociais da periferia de um modo direto e contundente, Sabotage fazia um caminho diferente: contava a periferia e seu cotidiano” (GUEDES, 2017, p. 15). Outros artistas apoiaram-no, em destaque o Racionais Mc’s, que “assinaram a produção do primeiro disco do Maurinho: “Rap é compromisso” (GUEDES, 20017, p.15).

“Canão foi tão bom poder falar pro Dom
Que aprendi com João como obter mais alegria
Cara, sempre informação, sangue puro e bom
Pras drogas bastam um simples não, o dom da opinião

A vida é a sua cara, eu me dou bem no som
Na raça, um espectro, que sai no rojão
É, tio, sem drama, face a face com o subúrbio
O mandarim, sabote, o maurin, o núcleo
Registra e mete a cara, jamais a ideologia falha
Ganha a quem produz o som do João pros tio,
né, Ganja?

[...]”
(SABOTAGE feat. DBS, NEGRA LI, LAKERS.
Canão foi tão bom. Album: Sabotage)

Sabota era um artista eclético, pois se destacava em outros campos da arte. Ele atuou nos filmes “O Invasor”, do cineasta Beto Bant, onde interpretou ele mesmo, e em “Carandiru”, atuou como o personagem “Fuinha”. Em ambos os filmes, desenvolveu trilhas sonoras. Ademais, fez parcerias com artista do rock e do samba brasileiro como, por exemplo, Charlie Brown Jr e Banda Sepultura. Através do seu multitalento, o artista passou a ser referência no cenário artístico musical e nas periferias brasileiras.

Em 2002, Sabotage recebeu o prêmio do hip hop brasileiro, o HútuZ, na categoria revelação. E, em 24 de janeiro de 2003, ele foi assassinado com quatro tiros, deixando esposa e três filhos. As suas produções são tão contemporâneas que até hoje são ouvidas por diversas pessoas.

A história de Mauro Mateus dos Santos é um exemplo de que o rap (rythm and poetry) pode ser elemento norteador nas encruzilhadas da vida. Sendo assim, é importante apresentar para todos o rap brasileiro e a trajetória dos artistas desse seguimento pois, nem sempre, são trajetórias que se enquadram no que socialmente se espera de um intelectual, mas que bem se associam aos cotidianos de maior parte dos nossos discentes. Levar essas narrativas para sala de aula, além de engrandecer a cultura periférica, possibilita expandir o repertório artístico e crítico dos/das discentes mediante as suas experiências de vida.

No ensino fundamental II, tive um professor de língua portuguesa que amava rap e insistia nessa produção em sala de aula. Por intermédio dele, desenvolvi o dom da rima. Hoje sou artista da palavra falada e cantada. Assim como meu ex-professor, sou fã do Sabotage. Suas produções são inigualáveis no quesito temática e nos aspectos da rima. Espero de coração que o Sabota e suas produções não fiquem somente nesse âmbito da conversa, mas que se estendam em nossas práticas cotidianas e pedagógicas.

Um salve ao mano Sabotage!

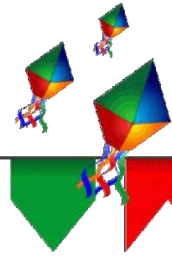
Referências bibliográficas

GUEDES, Rayssa Fonseca. Rádio Mun-Rá: Especial Sabotage. Orientador: Maurício Tavares. 2017.2. TCC (graduação) – Curso Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Produção de Comunicação Cultural, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://bit.ly/3wQYqF6>. Acessado em: 16 de jun. 2021.
SABOTAGE feat DBS, NEGRA LI, LAKERS. São Paulo: 2016, União Brasileira de Música (UBM). Disponível em: <https://youtu.be/WF7LLI7r4Os>. Acessado em: 16 de jun. de 2021.



A todos os Antônio...Joãos...Pedros... Por uma fogueira de esperança

Alexandre Cohn da Silveira



Em 2021, mais uma vez, as festas de junho estão silenciadas em todo o Brasil, o que, no nordeste, esse silêncio é ensurdecedor. Os foguetes estourados não foram uma demonstração de alegria, mas para homenagear aqueles que nos deixaram por conta do coronavírus e de uma crise pandêmica brasileira agravada pelo (des)governo do momento. Os balões (poucos) soltados, levavam aos céus um pedido de socorro e as lágrimas de esperança de todas e todos que aqui ficaram, que resistem e lutam contra um genocídio programado por uma quadrilha nada colorida, muito menos animada, que dança em cima do luto de milhões de pessoas que perderam seus amores nessa festa fascista brasileira. Não há o que comemorar, nem festejar, muito menos naturalizar o que estamos vivendo.

Houve um tempo que nos assustamos com o ensino remoto e muitos pensaram ser isso o maior de nossos problemas. Hoje vemos que graças ao ensino remoto, alguma educação foi promovida em nosso país, alguma articulação de pensamentos críticos foi promovida e saberes puderam ser valorizados e construídos graças ao trabalho exaustivo e incansável de professores e professoras, profissionais da educação, que não desistiram e seguiram... mesmo com medo! Nossa canjica tem sido amarga e nosso licor nada saboroso... nossos corpos físicos têm reclamado dores diversas pela mudança radical nas formas de trabalho que tivemos que adotar da noite para o dia. São horas na frente de telas, estudos para saber lidar com as tecnologias em jornadas de trabalho que facilmente passam de 12 horas por dia.

O prejuízo da fome, das exclusões e violências contra a população historicamente marginalizada tem tomado as páginas de jornais e as manchetes dos noticiários em uma quantidade que há muito não se via. Nas ruas, a população de pedintes aumentou absurdamente nos últimos três anos e, desde o início da pandemia, o que mais se vê são crianças e suas mães pedindo alimentos nos supermercados e feiras.

Parece que para cada estrela do céu de São João há uma criança passando fome aqui... perto de nós! “O preço do feijão não cabe no poema” diz Ferreira Gullar em seu poema “Não há vagas!”, denunciando as dificuldades sociais pelas quais cidadãos e cidadãos brasileiros passam em suas vidas. Um poema de 1963 tão atual que pode ser usado como oração em nossa Capelinha de Melão junina... sem cravo... nem rosa... nem manjericão.

Na Bahia, o prejuízo do cancelamento das festas dos santos juninos ultrapassa os 100 milhões de reais, de acordo com matéria publicada no portal G1 Bahia, em 30 de maio passado, comprometendo significativamente o orçamento de diversas cidades que possuem o evento como sua maior fonte de arrecadação financeira. Uma arrecadação que, conforme a matéria, supera os ganhos do carnaval. Nós sabemos muito bem que quem mais se prejudica com essa realidade não são as grandes empresas promotoras de eventos, mas os Antônio, João, Pedro, Maria, Antônia e muitos que vendem sua pipoca, seu milho cozido, que tocam triângulo nas bandas e que trabalham de sol a sol nessas épocas para incrementarem suas rendas familiares. Esses, hoje, não estão cantando com a mesma alegria!



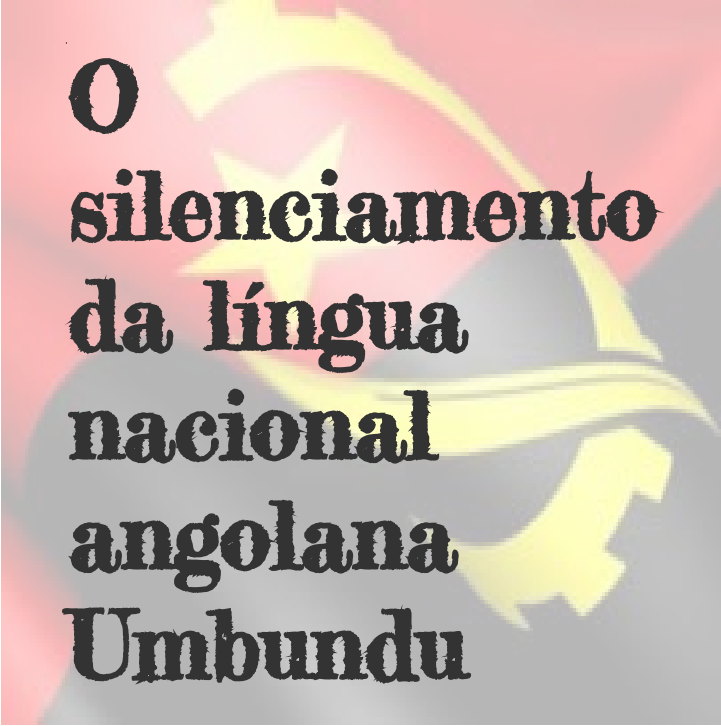
Enquanto isso, há pessoas que criticam as medidas protetivas adotadas com o argumento do prejuízo econômico, que é verdadeiro, mas que tem uma causa também verdadeira que é a falta de vacina para todos e todas. A Comissão Parlamentar de Inquérito da Covid tem exposto diariamente os absurdos que a quadrilha governista vem desempenhando há tempos em prol da falta de oxigênio, em Manaus, da desarticulação de governadores e prefeitos preocupados em trazer soluções para os problemas vividos, da recusa de vacinas sem a menor explicação e da compra superfaturada de vacinas sem a menor comprovação de eficácia. As ladainhas de horrores e perversidades são inúmeras e resultaram na triste marca de mais de meio milhão de pessoas que não tiveram a oportunidade de continuarem conosco. E por conta dessa realidade nada festiva, as pessoas estão indo pras ruas novamente, pedindo que sejam tomadas as decisões mais corretas em prol da vida, do alimento, da justiça social e da cidadania.

Se foi uma postura democrática aceitar o resultado das eleições de 2018, é um ato de humanidade lutar pelo direito à vida e à liberdade de todas e todos e todes. Se fomos divergentes em nossas escolhas naquela época, não podemos ter outra escolha agora que não seja “vacina no braço e comida no prato” e nosso forró precisa ser cantado e dançado por uma multidão que defende o que é básico no conceito de democracia e cidadania: a efetiva presença e participação de todxs! Não podemos deixar que escolham quem vai morrer, quem pode se alimentar, quem merece ser vacinado ou quem pode falar. Não podemos concordar com qualquer ação que, de alguma forma, não vise o bem geral e a dignidade humana. Essa é a nossa fogueira, que vamos alimentar o tanto que for preciso, para que não deixe de ser notada. Cada um e cada uma de nós pode ter sua tocha e acender fogueiras por todos os lados, mostrando que 500 mil mortes não serão naturalizadas, nem serão em vão... O nosso balão está subindo e São João, com todos os santos, divindades e energias cósmicas estarão irmanados nesse levante necessário. O Arraiá da Virada está bombando! Olha a cobra! Não... não é mentira!



Leia nossas edições anteriores!

<https://opontosemponto.blogspot.com//>



O silenciamento da língua nacional angolana Umbundu

Julio Epalanga Sacalembé

Bacharel em Humanidades

Acadêmico de Pedagogia - UNILAB

O presente texto refere-se ao artigo que escrevi e apresentei como Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. É um trabalho que tem como objetivo analisar os processos e os mecanismos de silenciamento da língua Umbundu em Angola, processos que foram implantados pelo colonialismo português mantidos em algumas medidas pelo governo angolano. Nesses processos, os sujeitos principais da ação usaram em todos os momentos as mesmas estratégias colonialistas para o apagamento das línguas nativas angolanas. O texto integral do artigo se encontra submetido para a publicação na Revista Digital de Políticas Linguísticas (RDPL).

A construção deste texto utiliza, metodologicamente, dois procedimentos: primeiramente, uma pesquisa bibliográfica, ou seja, um estudo extraído a partir de materiais já publicados sobre os assuntos investigados (PRODANOV, 2013, p.54), reunindo textos teóricos que fundamentaram o conteúdo sobre a questão linguística angolana, mais precisamente no que se refere à língua umbundu. A pesquisa realizada é também de caráter documental, visto que se baseia em materiais que não receberam um tratamento analítico científico (PRODANOV, 2013, P.55), servindo de base para exemplificações e discussões realizadas de acordo com os objetivos desta pesquisa.

O Cenário linguístico de Angola

O cenário linguístico de Angola é composto por uma diversidade linguística presente e falada por vários povos endógenos, constituindo uma situação linguística diversificada, devido à presença de uma diversidade de línguas que estão no interior do território angolano, dentre elas a língua portuguesa, trazida pelo colonizador, e as línguas angolanas umbundu, kimbudu, kikongo, dentre outras. O processo colonial vivido no país também configurou-se como um colonialismo linguístico o qual originou um estranhamento e indiferenças linguísticas devido aos interesses ideológicos do colonizador.

É importante dizer que a língua portuguesa carrega consigo um histórico de dominação presente nas ações previamente estabelecidas intencionalmente pelos colonizadores, com a pretensão de demolir as línguas autóctones, facilitando o arranjo da conquista, da dominação e da ocupação integral das terras indígenas. As suas doutrinas ideológicas publicizavam e pregavam a perfeição da língua portuguesa como a língua educada, civilizada, verdadeira, ou seja, a língua portuguesa sendo declarava como a língua ideal e digna de ser falada. Esta aplicabilidade egocêntrica empregava e expunha as línguas nacionais que se pautam na tradição angolana e eram consideradas, conforme explica Silva (2010, p.22) como “[...] primitivas, tradicionais e subdesenvolvidas”.

Tendo isso em conta, é preciso um olhar mais atento para o que vem a ser o colonialismo linguístico e, consequentemente, discutir algumas questões que são afetadas por esse fenômeno. Portanto, farei algumas reflexões sobre essa questão e sobre o preconceito linguístico gerado pelo pensamento colonial, bem como explicarei em que medida os direitos linguísticos de angolanas e angolanas são afetados por conta de ações colonizadoras que persistem em Angola.

Bethania Mariani (2004, p.74) descreve os pilares que norteiam a noção de colonização linguística como “[...] uma série de fatos já estudados, porém ainda não nomeados. Fatos resultantes do acontecimento linguístico foi o encontro de povos com línguas e memórias diferenciadas e, sem contato anterior.” Segundo a autora, esta ocorrência linguística foi “[...] demarcada pela colisão de uma população estrangeira com línguas, culturas, tradições, histórias de um povo integralmente dessemelhante”. Um embate com outros tantos povos que nunca antes tiveram um contato, uma conversação ou uma experiência de convivência com povos com origens absolutamente estrangeiras entre si, sem nenhuma memória que os conectassem.

Um encontro que apresenta, conforme a autora, uma peculiaridade exclusiva, um discurso de ódio, visto que, o povo estrangeiro objetivava, de forma discursiva e autoritariamente, desprender o povo indígena da sua língua, subordinando-o a um novo universo cultural. Sendo assim, um preconceito linguístico foi sendo construído discursivamente na cultura angolana com relação às línguas nacionais do país.

Discorrer sobre o preconceito linguístico em Angola requer compreender a comunidade linguística angolana. Conforme explica Bagno (1999, p.35) o preconceito linguístico é semelhante a uma doutrina dogmática que considera e qualifica de forma insistente a existência de uma língua exclusiva, única, aprovada e padrão. De acordo com Bagno (1999, p.14), “O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro [ou o angolano, no caso deste estudo] tem de si mesmo e da língua falada por aqui.” Esta série de práticas preconceituosas, entusiasmo a marginalização, a exclusão e o silenciamento das línguas endógenas, configura um desrespeito aos direitos linguísticos.

A ideia de “direitos linguísticos” está relacionada à crença que prega a liberdade fundamental que um sujeito falante usufrui de falar a sua primeira língua ou língua materna. Esta ideia se embasa, fundamentalmente, na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (UNESCO, 1996) que, em seu artigo 3.º defende explicitamente que, dentre os direitos inalienáveis dos seres humanos está “o direito ao uso da língua em privado e em público”. Concordando com Rodrigues e Beer (2016, p. 671, 672), “[...] a privação da linguagem, o glotocídio, a discriminação e o preconceito linguístico não podem ter lugar quando se fala em direitos humanos ou, mais especificamente, em direitos humanos linguísticos.” Entretanto, é importante destacar que as infringências e as rupturas da licença linguística de Angola têm-se manifestado de maneira recorrente contra os sujeitos subalternizados e desassimilados. Os livres-arbítrios dos falantes das línguas minorizadas são fiscalizados, encurtados e calados pelos grupos sociolinguísticos defensores da supremacia da língua portuguesa.

Após analisar a língua Umbundo nas mídias sociais, nas comunicações do cotidiano angolano e nas relações entre os serviços públicos e a população, foi possível perceber que a presença da língua Umbundo hoje na sociedade angolana é restrita. Há uma sucessão complexa de ações que desencorajam as práticas linguísticas do segundo idioma mais falado no país, com base no mito linguístico da superioridade da língua portuguesa, quer em termos linguísticos, quer no cenário das relações internacionais. Entretanto, o que defendemos em nosso trabalho é que esse silenciamento é, na verdade a evidência do descaso e do desrespeito, que as políticas linguísticas aplicadas hoje em Angola promovem em relação aos direitos linguísticos de cidadãos e cidadãs angolanos, que se expressam em Umbundu, se identificam como falantes de Umbundu, mas não possuem espaço na portugalidade e no colonialismo linguístico moderno de Angola.

Agradecimentos ao meu orientador Alexandre Cohn da Silveira, professor adjunto do Colegiado de Letras-Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- BERNARDO, Ezequiel Pedro José; SEVERO, Cristine Gorski. Políticas Linguísticas em Angola: Sobre as Políticas Educativas In (ex) clusivas. *Revista da Abralín*. v. 17 , n. 2, p. 210-233, 2018.
- MARIANI, Bethania. *Colonização Linguística*. Campinas, SP: Pontes, 2004
- MARCOS, Bagno. Preconceito Linguístico. In: _____. *A mitologia do Preconceito Linguístico*. São Paulo: Layola, 1999. p. 13-72.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. - Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RODRIGUES, Carlos, Henrique. e BEER, Hanna. Direitos e Políticas: Divergências e Convergências na/ da/ para Educação dos Surdos. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, jul. / set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362016000300661&script=sci_abstract&tlng=pt>.
- Acesso em: 03 mar. 2016

